o amor nos tempos de câmera

ana rüsche

texto carinhosamente adaptado para as ***Satyrianas 2007*** *– a Saudação da Primavera!*

Todos os comentários e rubricas são sugestões feitas para melhor entendimento do texto, sendo a divisão de personagens mera proposta, dado que o texto em si é um monólogo de Clara, podendo as rubricas ser livremente modificadas conforme as criações da montagem.

As escolhas dos atores entre homens, mulheres e transexuais para interpretar as Claras e outros também me parecem indiferentes, que sejam ao gosto dos encenadores.

A mesma observação é feita a respeito da divisão proposta sobre as três cenas – fiz essa separação apenas para auxiliar na compreensão do texto, sendo meramente indicativa.

Por fim, os figurinos para "transeuntes", "guarda", "atendente", "vendedora", imagino-os como o mais simples possível, bastando um quepe para o guarda, uma gravata para o atendente, etcs. *Et voilà!*

Personagens:

- CLARA 1: Clara-ela-mesma, a narradora
- CLARA 2: Clara em sua versão crítica debochada
- CLARA 3: Clara em sua versão melodramática
- VOZ: soa como os avisos do metrô de São Paulo
- CLARA 3 como Segurança do Banco
- CLARA 2 como a Câmera
- CLARA 3 como Garoto atendente do Banco
- CLARA 1 como Vendedora de lingerie
- CLARA 3 como Mulher comprando lingerie
- Todas como Transeuntes esperando o Trem

Cenas:

I. No Banco Ante a Câmera

II. Na calçada, diante de uma Loja de Lingeries

III. A Esperar o Trem

Cena I. No Banco Ante a Câmera

VOZ: Não ultrapasse a faixa amarela. Após o sinal da campainha, não embarque no trem. Sua segurança é o nosso direito.

CLARA 1: Ando pelas calçadas como um desperdício. Vesti pérolas falsas e rendas, contudo sou gasta entre ascensoristas, professores universitários, jornaleiros e entrevistas de emprego.

Pausa

CLARA 1: O dia cinza faz-me pensar no amor. E o que será o amor nos tempos de câmera?

SEGURANÇA DO BANCO faz sinal para que Clara tire seus metais e coloque na caixinha antes de entrar no estabelecimento bancário, enquanto a CÂMERA segue seus passos.

CLARA 1: Entro no banco para pagar contas, hoje são as contas as únicas cartas que se lembram de mim. Despeço-me de todos meus metais em uma caixinha, sou inteira plástico e bijuterias.

O SEGURANÇA DO BANCO recolhe a caixinha com os metais e ignora-a. A CÂMERA segue-a. CLARA 1 retoma seus metais após passar pela imaginária porta giratória.

CLARA 1: O Olho repara nos cabelos arrepiados, ainda impregnados de sonhos e o lençol quente, larguei-os cedo demais como mães a deixarem os filhos com a televisão. Pressinto, a máquina me segue! Entretanto, nem a câmera repara ao certo no desperdício de minha beleza bem maquiada para uma manhã de quarta-feira.

Chega-se ao Caixa, estende contas amassadas ao GAROTO ATENDENTE DO BANCO.

ATENDENTE: Sem saldo suficiente, senhora.

CLARA 1: Não tem problema, obrigada, viu? Depois eu pago.

Pausa. Enquanto CLARA 1 guarda suas contas e confere os números e arruma os cabelos, CLARA 2 e 3 despem-se de seus personagens anteriores e discutem o resumo da história de amor mal sucedida...

CLARA 3: Apaixonei-me duas vezes na vida. A primeira foi aos 25 anos, um pouco tarde, e por isso mais letal: considere-se, é uma virose – quando contraída por crianças, sara rápido e deixa marquinhas denunciadoras de charme e personalidade; caso contraída por adultos, adquire resistência e deforma a pele por um tempo.

Pausa

CLARA 3: O objeto da paixão foi um homem raso, como poderia ser diferente?

CLARA 2 *(complementando)*: O fundamental: tratava-me como um acessório.

CLARA 2: Dessa maneira, não houve como resistir... trocamos quilos e quilos de vogais e encontros arapucas por e-mail, evocamos falas de personagens, sovamos dramas minúsculos, tão profundos!, pequenos abismos onde atirávamos pratos na parede.

CLARA 3: Como pode perceber, de imbecil tinha muito pouco, ou talvez muito, entretanto, não há melhor qualificação para esse primeiro amor antigo que esta.

CLARA 2 *(complementando)*: Um imbecil, veja só.

CLARA 3: Na realidade, tudo durou uns poucos meses. Adoeci. Coração aos solavancos frente à perspectiva de encontrá-lo. Chorei compulsivamente ante a negativa de sermos felizes para sempre.

CLARA 2: Considero esse estado uma demência. Ou uma perversidade de comportamento toxicômano.

Pausa.

CLARA 2: A história para ser mais bem narrada teria que ter um começo, mas não há começos interessantes para histórias de amor, normalmente... num eis e estão apaixonados!

CLARA 3: Poderia dizer também que não houve um dia de fidelidade a esse primeiro amor...

CLARA 2:... pois mesmo os acessórios ganham vida própria!

CLARA 3: Sim, admito, fui muito vadia, uma vadia!, durante esses poucos primeiros meses de paixão extremada, como se com as pernas abertas para outros conseguissem tirar aquele ranço melancólico dos ossos.

CLARA 2: Tentativa falha.

CLARA 3: Provavelmente até tenha sido isso que justificou a negativa de abdicarmos de vivermos felizes para sempre.

Pausa. CLARAS 2 e 3 já estão um pouco irritadas. CLARA 1 intervém apaziguadora.

CLARA 1: Outra observação importante é que essa paixão foi heterossexual: entre um *homem* e uma *mulher*. Sempre mais sem graça e previsível.

CLARA 3: Pois bem, não havia como dar certo nada daquilo, não obstante meu sofrimento ímpar e a dedicação de todos meus pensamentos àquele primeiro amor. Foram dias e dias entre chocolates, entradas na caixa postal do e-mail, conversinhas com amigos e amigas...

CLARA 2: Pessoas vazias e desconhecidas que, em um átimo de segundo, logo se tornavam conselheiros mediúnicos sobre a natureza humana!: crendices aparentemente sem nenhum sentido, explicavam os fatos como predições do destino e cada fragmento de sentido parecia exarar as pitangas choradas pelo desamor.

Pausa.

CLARA 2: No entanto, esse estado de euforia irracional traz à baila algumas verdades, pois a incapacidade na existência de uma história de amor sequer na vida é uma tragédia sem o trágico. E o que poderia soar absolutamente emancipatório e libertador, torna-se opressivo, obrigatório...

Pausa. As três saem do banco, parecem passear pela calçada sem rumo certo. CLARA 3 finge mendigar moedas.

CLARA 3 (*alto):* Como você nunca se apaixonou na vida?

VOZ: Pedir esmolas é prática ilegal. Colabore. Denuncie.

Cena II. Na calçada, diante de uma Loja de Lingeries

Estão na calçada. A cena inicia-se com CLARA 2 fazendo a proposição da cena, em que comenta as relações entre o amor e a compra de lingeries como um show de auditório.

Enquanto CLARA 2 faz suas falas, CLARA 1 assume seu papel de vendedora de lingeries e CLARA 3 o de compradora, abrindo e remexendo calcinhas e sutiãs – sugiro manter o paralelismo das marcações entre a cena anterior do banco e a loja de lingerie, sendo a marca de "atendente" agora a de "vendedora".

CLARA 2 *(com trejeitos de apresentadora de show de auditório, "microfone" em punho)*: Esse é o motivo fundamental das compras de lingerie femininas e do vocabulário que as acompanha.

Pausa.

CLARA 2: Perceba, a mulher bem vestida e com o parco salário do mês, ticket-refeição, auxílio-desemprego e troco da padaria, adentra-se ao estabelecimento com suas pérolas falsas. Há um ar de conquista que paira entre esses diálogos e uma censura para modelitos mais ousados. A compradora escolhe um certeira...

CLARA 3 escolhe um "modelito improcedente". CLARA 1 "comenta" gestualmente essa escolha.

CLARA 2: ... escolha que por sua vez poderia muito bem ser censurado pela próxima compradora! – na realidade, a noção de moda é permeada somente por regras perenes sobre castelos no ar, assim como a beleza, que por hora é construída entre sorrisos de meninas tão novas, pequenas sílfides a serem violentadas pelo olhar guloso da primeira quarentona *gorda* que entra numa loja de lingerie...

Pausa. CLARA 2 age como se julgasse CLARA 3 "um pouco gorda". CLARA 3 fica amuada.

CLARA 2: E a escolha do modelito é precedida pela frase:

CLARAS 1 e 3: "Estou investindo nele"!

CLARA 2: E o *léxico* aqui ocupa o papel fundamental citado acima para a opressão amorosa. Vê-se, por meio da frase corriqueira e lépida, que o amor é encarado:

CLARAS 1 e 3 auxiliam CLARA 2 em sua enumeração, incitando a platéia à contagem. A música pode adquirir um tom animado.

TODAS AS CLARAS *(à platéia)*: Uuuum!

CLARA 3 *(imitando a "metida" da CLARA 2)*: Como um jogo de azar, em que uma mera chacoalhada da economia mundial pode por tudo a perder,

TODAS AS CLARAS *(à platéia)*: Dooooois!

CLARA 2: Não há como controlar os resultados do amor, forças ocultas gerenciam a bolsa de valores e outros investimentos – e quando os índices de desemprego crescentes são motivo para que as ações na bolsa cresçam, enrijeçam... *(gestos maliciosos)* todos comemoram!

TODAS AS CLARAS *(à platéia)*: Trêêêês!

CLARA 2: Há, entretanto, a inegável verdade de que certos perigosos tubarões controlam a bolsa de valores e o

amor. Assim aquela menina sorrindo ali no cartaz como uma sílfide anêmica pode muito bem roubar o meu amor.

Pausa

CLARA 1 *(também imitando a "chata" da CLARA 2)*: Afinal, nos tempos de câmera, o amor é um pacote bem embalado e palpável que é passível de apropriação,

TODAS AS CLARAS *(à platéia)*: E quaaaaatro!

Pausa. CLARA 2 assume a situação e profere seu veredito final.

CLARA 2: Contudo, ante todos os poréns e percalços da atual situação mundial, a mulher orgulhosamente deposita seu investimento em uma lingerie que representa 9% de seu salário e confiante quererá obter dividendos de volta.

Pausa

CLARA 2: Não há necessidade da existência do trágico se você é confiante. E caso haja alguma catástrofe ou pedregulho no caminho, haverá uma explicação clara e pertinente sobre isso, afinal...

CLARAS 1 e 3: "Ele não me valoriza!!".

CLARA 2 *(triunfante)*: Evitarei ser pedante em escandir o campo semântico de "*valorizar*" em quatro tópicos como acima feito, podemos dizer em resumo que a relação entre o amor e o sujeito apaixonado integra-se ao mundo dos negócios e da produção em série

Pausa. A euforia da cena desaparece.

CLARA 2: A pergunta que emerge dessas divagações é: será então que o que eu percebia era realmente amor?

Cena III. A Esperar o Trem

Todas as CLARAS sentam-se. A idéia é que passem a noção de espera de um trem, que talvez nunca chegue para elas. A "câmera" agora está focada na platéia.

CLARA 1 *(pode estar lendo esse trecho):* Após um tempo a gastar meus sapatos delicados pelas calçadas cinzentas e empoeiradas, garanto que sim, o que percebia era amor. Agora sabemos com certeza que não.

Pausa.

CLARA 1 *(pode estar lendo esse trecho):* Por mais cruel que seja comigo mesma, o imbecil conquistou-me, mostrando-se muito mais rentável e proeminente que seria e mesmo após insistentes noites de sexo baboso e porco, conseguiu manter o porte do amor bem-sucedido.

CLARA 3: O amor que entrega flores e convida para restaurantes caros. O amor com trilha sonora e cores de calcinha adivinhadas de primeira. Ah, não tinha como não investir naquilo...

Pausa

CLARA 3: E sem práticas de ações em lingerie ou aplicações em renda fixa, naufraguei com um romantismo fora de moda, totalmente desproposital. Hoje em dia, disseram-me os conselheiros insistente, não é bom levar nada a sério.

CLARA 1 *(pensativa)*: Entretanto, levo-me um pouco a sério. E esse trem não chega é nunca!

Pausa

CLARA 2 *(novamente com ares didáticos)*: Veja, esta história do meu primeiro amor é como o *sudário de Penélope*. E a idéia da *ronda da morte* é exatamente o que há de fundamental.

Pausa. CLARAS 2 e 3 podem gestualmente ilustrar sua fala seguinte.

CLARA 2 *(explica-se)*: Penélope ficou em Ítaca a esperar Ulisses, seu marido, anos a fio. Boatos diziam que estava morto. Nós sabemos que, na verdade, o tal Ulisses tinha amantes. Enfim, como Penélope é uma viúva rica, apareceram pretendentes que se banqueteavam na sua sala de espera. Então Penélope, muito esperta, decidiu que apenas se casaria novamente no dia em que terminasse de tecer um sudário para Ulisses – o Sudário de Penélope!

Pausa. CLARAS 1 e 2 fazem cara de não terem compreendido nada.

CLARA 2 *(chiliquenta)*: Sudário? É tipo um paninho que embrulha os mortos, sabe? Então, gente, é aquela história batida: ela tecia o paninho de dia e desmanchava de noite...

Pausa. CLARAS 1 e 2 parecem realmente não ter compreendido nada. CLARA 2 prossegue.

CLARA 2: Ao tecer e ao desmanchar suas tramas, Penélope possui o controle sobre os dias em que estranhos se banqueteiam em sua sala. A esperança é um pedaço de linha, a rarear com os dias, um ralo fio de liberdade contida, uma trama típica de mulher. Uma mentira que embeleza o dia e se desfaz à noite, um refúgio para a espera frígida por um homem a borboletear pelas Circes de todos os mundos, Ulisses, o astucioso. Seria relevante saber se Penélope realmente o amava?

CLARA 3, tocada pela narrativa, concorda veementemente com a pergunta.

CLARA 2 *(com desprezo à CLARA 3):* O relevante *não* é saber se Penélope o amava! E ainda hoje estudiosos redigem dissertações a perquirir: seria Penélope fiel?!

Aos poucos, as CLARAS libertam-se de seus personagens para se fundirem em TRANSEUNTES, a divisão das falas dos TRANSEUNTES entre os atores deve ser feita como a encenação quiser, contudo é importante evitar o tom dramático.

TRANSEUNTES: Dessa matéria escura e escorregadia de que são feitas as histórias desse primeiro amor – o refúgio de mentiras para aqueles que possuem estranhos a se banquetear na sala...

TRANSEUNTES *(complementa)*: ... e cuja única opção é lembrar a memória de um marido morto pelo qual não se tem mais do que a sombra da afinidade, um truque para o respiro a uma liberdade vigiada e ébria.

Pausa.

TRANSEUNTES: Os estranhos que se banqueteiam na sala olham com gula as ancas de Penélope. A idéia de estupro ronda próxima. Frágil, Penélope responde com suas mentiras desfeitas em fios que enforcam seus dedos todas as noites.

Pausa. O trem chega.

VOZ: Esse trem não irá a teu destino. Não segure as portas.

TRANSEUNTES: Mas, e minha entrevista de emprego? Eu preciso embarcar! Por favor.

VOZ: Não toque nas portas do trem. Evite atrasos.

O trem parte.

TRANSEUNTES *(indignados)*: Pois parta! Parta com seu amor de lata!

À platéia.

TRANSEUNTES: O coração hoje é um pedaço de carvão queimado, combustível barato nas fornalhas do trem.

Pausa. O(s) TRANSEUNTE(S) une(m) os dedos das mãos até formar um punho.

TRANSEUNTES: Mas o seu diâmetro é do tamanho de um punho. Pequeno, mirrado, mas punho.

TRANSEUNTES: Punho que um dia em rosa florescerá.

Abrem as mãos.